

Linguagem mítica e crítica filosófica no *Eutifron*

Romano GUARDINI

A resposta que Eutífron dá à pergunta filosófica de Sócrates é a resposta mítica – mais exatamente a resposta mítica que no curso da evolução histórica perdeu seu sentido apropriado. Para ser uma verdadeira resposta, ela pressupõe uma certa visão do homem e da religião com seu tipo particular de experiência da vida. Para essa visão, a realidade é ao mesmo tempo primeiro plano e plano de fundo. Ela consiste, não de sistemas cientificamente transparentes de matéria e energia, mas de forças de ordem ao mesmo tempo natural e numinosa, que conflitam umas com as outras, e desse conflito incessante emerge continuamente a vida. A verdade mítica reside no fato de que essas forças e sua relação mútua se revelam ao espectador em formas e processos válidos. As imagens, portanto, pelas quais isso se faz são algo diferente das formas irresponsáveis de uma arte posterior, esteticamente emancipada. Elas são a expressão imediata da verdade essencial: e o homem que sabe delas e está familiarizado com elas vive dentro da ordem existencial. A atitude mítica implica, ademais, que o homem ainda não tenha se dissociado daquelas forças por meio do julgamento crítico e da habilidade técnica, mas seja ainda controlado diretamente por elas. Ele tem uma percepção constante do funcionamento delas, não somente nas constelações, nos processos atmosféricos, nos ritmos de crescimento, mas também no seu próprio ser. Elas determinam a sua vida instintiva, regulam as emoções e paixões da sua mente, e se mostram em sonhos e inspirações. O destino dele é sempre obra dessas forças: a ordem da família e da comunidade resulta da operação delas e ao mesmo tempo concede uma proteção contra a sua tirania.

Enquanto tudo isso se mantém em funcionamento, a piedade significa um olhar reverente, uma respeitosa auto-rendição, uma constante interpretação da própria vida, assim como da vida do mundo circundante, em conformidade com aquelas figuras e lendas que foram recebidas de experiências dos visionários do passado e transmitidas pela tradição religiosa; e a questão do que é verdade e não-verdade num sentido religioso, do que é certo e errado, realmente é respondida mediante a referência à figura de um deus ou aos feitos de um herói. Tudo isso ainda não tem nada a ver com a filosofia. Mas no curso da História a constituição mental que o produz vai-se dissolvendo gradualmente. As idéias dos filósofos jônicos da natureza marcam, sob certos aspectos, o ponto crítico. A “Água” de Tales, o “Infinito sem Forma” de Anaximandro, o “Ar” de Anaxímenes, o “Fogo” de Heráclito, certamente ainda não são conceitos filosóficos no sentido próprio, são apenas imagens da realidade primal; mas neles já emerge uma nova relação com o mundo. O homem começa a destacar-se do conjunto dos poderes que tinham sido até então uma experiência direta e que o abrangiam completamente; ele começa a perceber a realidade diferentemente e a examiná-la de uma maneira nova, a maneira crítica e científica. Ele não apenas contempla os fenômenos, mas tenta ir até o que está por trás deles. Ele não apenas investiga o sentido das imagens

válidas, mas toma consciência da coerência de causa e efeito, de todo e parte, de meios e fins, e se sente desafiado a dar uma explicação racional. Ele já não se vê envolvido num jogo misterioso de poderes naturais e divinos, que conforme a sua natureza têm de ser evitados ou dirigidos por meio de ritos e precauções cerimoniais e mágicas; ele começa a ver as coisas em torno como objetos naturais, e a adquiri-las e usá-las conforme suas qualidades efetivas. Assim o desenho tradicional do mundo perde seu caráter originário. Os homens continuam a viver nele, mas sem estar profundamente comprometidos com ele. A crítica vai crescendo; e, como ela ainda não conquistou seus padrões apropriados, ela tem um caráter amplamente arbitrário e destrutivo.

Romano GUARDINI, *The Death of Socrates. An Interpretation of the Platonic Dialogues Euthyphro, Apology, Crito and Phaedo*, transl. Basil Wrighton, New York, Sheed and Ward, 1948, pp. 10-12. (original: *Des Tod des Sokrates. Eine Interpretation der platonischen Schriften Euthyphron, Apologie, Kriton und Phaidon*, Bern, Verlag A. Francke, 1945, S. 35-37).